

SOBRE A QUANTIDADE E QUALIDADE DAS MEDALHAS CONTEMPORÂNEAS

A. Marques Pinto

Nunca, como hoje, foi tão bem sucedido, tão próspero, em Portugal, o mercado de medalhas. Assistimos, nos nossos dias, a um pródigo caudal de emissão de medalhas comemorativas e de séries, dos mais variados temas e tipos, algumas de interesse duvidoso, outras destituídas de merecimento, todas elas se escoando nos circuitos comerciais, que tudo absorvem, por vezes em escassos dias.

Naturalmente, nem sempre a quantidade corresponde à qualidade, porque, numa incontida ânsia de produção, na pressa de aproveitar em tempo as oportunidades que se lhes deparam, editores e autores há que desprezam ou pelo menos relegam para plano secundário os cuidados e os escrúpulos a que em todas as circunstâncias deveriam estar atentos, para defesa da dignidade da medalha e do prestígio da Medalhística Portuguesa.

De entre um sem-número de temas possíveis, afigura-se-nos ser este, da quantidade e qualidade das medalhas portuguesas do nosso tempo, o mais importante, o mais oportuno, embora, por certo, também, o que envolve aspectos de maior melindre e admite diferentes e controversas formas de apreciação.

Antes do mais, temos para nós que é de saudar com entusiasmo a criação de condições para esta prosperidade. Há vinte anos, os coleccionadores portugueses não chegavam a uma centena e eram muito exigentes na apreciação e na escolha das novidades da época. Hoje, contam-se por milhares as pessoas que organizam colecções de medalhas e que têm o hábito de visitar com frequência os estabelecimentos de venda, para ver e levar para casa o que aparece...

É certo que nem todos os coleccionadores de hoje são atraídos para a Medalhística pelos encantos da medalha como peça de arte, como marco ou documento histórico, ou pelo seu significado e pela sua representatividade. Muitos deles juntam — amontoam — medalhas nas gavetas, ou no fundo

de uma arca, com a primeira, quase exclusiva, preocupação de entesourar, como forma de investimento, de capitalização, com o sentido de aplicar dinheiros de momento disponíveis para garantir o seu rendimento a médio ou a longo prazo.

Dir-se-ia, de forma simplista, sucinta e talvez grosseira, que esses compradores entram no movimento, eles também, como negociantes. Sabemos, de facto, de alguns desses que compram hoje tudo o que podem, unidade a unidade, com a intenção de formar lotes mais ou menos completos, mais ou menos numerosos, para vender amanhã por junto e a preços mais elevados.

Outros há que compram medalhas para guardar, é certo, mas confundindo o gosto da posse com riqueza e ostentação. De certa maneira, estas querem «andar à moda», proporcionando, em suas casas, aos amigos e outros visitantes, a contemplação de uma bela e valiosa colecção de medalhas.

Não são de censurar os motivos que levam estas pessoas a coleccionar medalhas. Para sermos sinceros, temos de reconhecer que todos os coleccionadores, mesmo os mais informados e esclarecidos, mesmo aqueles que vêm na medalha, antes do mais, o seu valor como criação artística, como expressão da história e da arte, têm natural e compreensível orgulho nas suas colecções.

O que já será de lamentar é que alguns novos coleccionadores — e são muito numerosos — não tenham um mínimo de preparação e de formação para apreciar e julgar os méritos artísticos das peças que vêm adquirindo. Como é pena que muitos deles não tenham sequer sensibilidade para reconhecer o *bom* e o distinguir do *mau*, para escolher e seleccionar, para preferir o que vale e desprezar o que não vale.

Aproveitando-se destas circunstâncias favoráveis, editores e autores igualmente mal preparados, lançam no mercado toneladas de metal estampado que rapidamente se transforma em dinheiro fácil. Mas de tudo isto pouco restará para as gerações futuras como real testemunho da capacidade artística dos autores contemporâneos; a maior parte não vale, sequer, o trabalho e o tempo de cunhagem, nem valerá, talvez, o peso do latão — e vai perder-se num futuro próximo.

Queremos com isto dizer que somos contra a actual profusão de medalhas? De maneira nenhuma. Desejamos e estimulamos a cunhagem de muitos milhares de medalhas. Desejamos e estimulamos o aparecimento e a formação de muitos editores, autores e coleccionadores. Mas desejamos e estimulamos, também, que as medalhas do nosso tempo sejam, acima de tudo, verdadeiras peças de arte; que os editores e autores observem e respeitem a dignidade da medalha, que tenham sempre presentes as gloriosas tradições da Medalhística Portuguesa; e que os coleccionadores sejam minimamente informados

e esclarecidos, preparados e sensibilizados para os mais altos valores das peças que vêm reunindo.

Não somos, por outro lado, contra os trabalhos de artistas espontâneos, autodidactas sem formação especializada ao nível de uma escola de belas-artes, por exemplo. Sempre houve, ao lado do escultor e do mestre de modelação, o artífice de modesta origem que grava por intuição e por vocação natural, por aprendizagem nas oficinas. Sempre houve, até, artífices sem formação escolar que realizaram trabalhos mais belos do que falsos artistas formal e teoricamente diplomados com cintilantes títulos. O gravador José Arnaldo Nogueira Molarinho é disso flagrante exemplo, porventura o mais significativo que podemos apontar.

Defendemos, em igualdade de circunstâncias, a coexistência, como autores de medalhas, de escultores e autodidactas com comprovadas aptidões para o exercício desta actividade artística. Enjeitamos também por igual os falsos artistas, meros oportunistas sem noção das responsabilidades que deveriam assumir, tenham ou não uma carta de curso.

Sobretudo, desejaríamos que toda a gente envolvida na Medalhística Portuguesa, a começar nos editores e comerciantes, a acabar nos coleccionadores, que são os destinatários e supostos beneficiários da produção de medalhas, aprendessem a distinguir o belo e o horrível; que todos tivessem um claro e correcto sentido da arte.

A quantidade é um sintoma saudável da nossa Medalhística que importa proteger e preservar. Não vão negociantes menos escrupulosos, na mira de explorar a impreparação dos coleccionadores e com a ganância de obter lucros fáceis e chorudos, matar esta «galinha dos ovos de ouro».